

Lições sobre a recusa na Antropologia: Mauro Almeida e a tarefa da descolonização permanente do pensamento an(tropo)lógico

Diógenes Egídio Cariaga 

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul | Campo Grande, MS, Brasil

diogenes.cariaga@uems.br

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v32i2pe214672



ALMEIDA, Mauro. 2021. Caipora e outros conflitos ontológicos. São Paulo: UBU, 352pp

Em seu ensaio "A potência da recusa - algumas lições ameríndias", Renato Sztutman (2013) retoma um princípio da antropologia política clastreana, a recusa ameríndia, como um desdobramento do conceito de "contra o Estado", na busca por cartografar o entendimento de Clastres (2003) sobre os mecanismos anticonsumptivos entre os povos ameríndios na produção de multiplicidades nos modos de existência. A recusa ativa, como demonstra Sztutman (2013:167), indica que não há conformismo, e a luta é um movimento iminente contra as consequências e efeitos das frentes de expansão



e214672

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v32i2pe214672>

econômica na América do Sul. O que move a política ameríndia é o constante movimento incessante de resistir ao fim das transformações, a redução à unidade/identidade, ao Um.

Faço este preâmbulo para explorar as potências analíticas contidas na obra *Caipora e outros conflitos ontológicos* do antropólogo Mauro Almeida (2021), nascido em Rio Branco no Acre, região na qual desenvolveu a maior parte de suas pesquisas (2002). Esta obra ganha evidência na leitura desta coletânea e nos faz ver que o desafio da Antropologia é permanecer como aliada aos modos de recusa que emergem nos tensionamentos ontológicos, sendo capaz de descrever e expressar que as qualidades imanentes da lógica do pensamento em estado selvagem demandam em tempos atuais uma noção de uma “concordância pragmática” (Almeida, 2021:328).

Como o próprio autor anuncia, pessoas desavisadas podem estranhar a reunião heteróclita aqui apresentada, mas Mauro Almeida é generoso em nos guiar em um programa de leitura capaz de conectar suas reflexões nas últimas décadas, de um intelectual sofisticado, mas que pensa o mundo a partir do chão das lutas políticas por direitos socioambientais com os seringueiros, ribeirinhos e povos indígenas na Floresta Amazônica. Entre as lições possíveis de serem apreendidas na leitura da obra, há a recusa a uma antropologia que não se coloque justaposta à política, em que as guerras ontológicas não separam “a teoria da prática”.

Mas o jogo entre teoria e prática para Mauro Almeida é mobilizado num campo de formas analíticas que deslizam das entre forma e conteúdo numa complexa operação de análise antropológica que coloca os conceitos etnográficos a favor das torções operadas no pensamento mítico. “*Lembremos que, para passar de um cilindro à fita de Moëbius, é preciso rasgar e colar, fazendo no percurso uma torção*” (Almeida, 2021: 285). Esta citação poderia condensar o conjunto de proposições expostas nos 11 capítulos que formam esta primeira coletânea individual. Os textos presentes já foram apresentados em periódicos coletâneas brasileiras e internacionais, e para esta edição o autor acrescentou algumas notas e complementações às versões originais.

Seguindo a exposição da Introdução a respeito dos eixos que organizam o livro, Mauro Almeida indica três conjuntos temáticos: as articulações entre sua etnografias de camponeses nordestinos e amazônicos e a influência do pensamento de Karl Marx. No segundo, o autor destaca os modos como a história e a temporalidade na obra de Lévi-Strauss abrem a sua antropologia para questões ontológicas e epistemológicas para as ciências e, por último, estabelece algumas conexões entre os temas anteriores aliando às ontologias indígenas contra a iminência do Antropoceno.

Contudo, gostaria de adicionar mais algumas discussões que ficam ao fundo dos textos, mas não podem ser desconsideradas quando se trata da capacidade criativa das análises antropológicas, o engajamento político de Mauro Almeida na construção do debate socioambiental brasileiro. A partir da luta dos seringueiros no Acre, tendo Chico Mendes como parceiro neste debate político global, ousaram imaginar uma “floresta sem padrões” na luta contra o desenvolvimentismo que seguia a esteira do avanço das políticas de indução da economia criadas na Ditadura Militar.

Os capítulos 2, 3 e 4 somam-se ao esforço anunciado por Bruce Albert (1995; 2014) em construir um ativismo antropológico que conjugue a independência crítica do pesquisador com o compromisso político de uma ciência que recuse a neutralidade. Neste

sentido, ao tomar termos etnográficos como colocações, barracões, empate e torná-los conceitos sócio-históricos, Mauro Almeida produz reflexões que conectam e associam as lutas dos povos da floresta às disputas capitalistas globais numa intensificação da privatização da natureza que só pode ser lida e tensionada ontologicamente.

É justamente sobre as tensões ontológicas provocadas pelas multiplicidades de entes e a agência política entre eles que assegura ao autor provocar torções nestes regimes (descritos em particular nos capítulos 5, 6 e 11) que promovem um *tour de force* na teoria antropológica para experimentações multinaturalistas, indo de encontro às possibilidades de pôr em suspensão epistemologias e ontologias através de uma variação sobre o conceito de pragmatismo desenhado pelo autor que (per)segue um processo por intermédio do qual o sujeito é sempre capaz de ocupar a posição de objeto, convertendo-se vicariamente em outro sujeito (Lévi-Strauss, 2017). Há múltiplas ontologias que são irreduzíveis umas às outras. Mas é possível a sujeitos passar de uma à outra - por meio da aquisição de habitus (Almeida, 2021: 189).

Ensaio como vistos nos capítulos 7, 8, 9 e 10 demonstram que parte do projeto intelectual do autor é simetrizar as experiências reflexivas vindas tanto dos seringueiros e ribeirinhos do Acre com suas leituras sobre teóricos da Física, Matemática, Astronomia e da Epistemologia em elaborar caminhos teóricos que buscam conjugar multiplicidades ontológicas com teorias estruturais ao pensamento antropológico, como os regimes ameríndios de temporalidade e os sistemas cosmológicos e míticos, a fim de oferecer não um modelo teórico, mas sim nos sugere ideias e imagens interessantes. "*Nada nos impede de continuarmos pensando metaforicamente*" (Almeida, 2021:193).

Ao nos trazer a existência de entes que habitam planos e cosmos além dos humanos, articulados a debates epistêmicos sobre relativismos e conflitos ontológicos, a operação que nos move a continuar pensando se situa em não reduzirmos pressupostos ontológicos e metafísicos em oposição às definições empíricas e/ou pragmáticas. Esta purificação, no sentido dado por Latour (2009), é tratada por Mauro Almeida esquivando-se dos tensionamentos diretos à Antropologia Simétrica, mas não se furta de uma crítica ao cânone que ela ajudou a constituir, a virada ontológica. O argumento analítico central aos conflitos ontológicos enunciados pelo autor é sustentado em três pontos: 1) não há economia política da produção (predação) sem uma ontologia correspondente, 2) a cada ontologia correspondem cânones pragmáticos e cânones da razão e 3) há conflitos entre ontologias (Almeida, 2021:152).

A existência da Caipora e os efeitos que os encontros com ela nas matas podem provocar são levados a sério na tarefa à qual a Antropologia se move para figurar como uma operação conceitual de tradução, que pressupõe a existência de ontologias relacionais, porém contraditórias, mas que ao mesmo tempo não excluem nexos de interconexão. Isto é, um mesmo sujeito pode viver alternativamente em mundos ontologicamente incompatíveis (Almeida, 2021:147). A proposição etnográfica que emerge nestes encontros é uma recusa a redução dos conflitos a um nível epistêmico ou cultural, mas sim uma ação que descreve os riscos que os conflitos ontológicos retêm: se admitimos que há conflitos, não há como não assumir que existem ontologias em guerra. A incompatibilidade entre mundos e domínios ontológicos nos propõe uma outra dialética que recusa a síntese, que se move mais em paralelo a uma dialética da obviação proposta por Roy Wagner (2009).

Assim, ao aproximar a concordância pragmática das interpretações sobre existências múltiplas e/ou conflitantes, como proposta por Wagner e Viveiros de Castro (2019), a obra de Mauro Almeida amplia perspectivas e garante a abertura para uma Antropologia como tradução que a variação e instabilidade das relações entre entes (Cariaga, 2019). Nas metafísicas da floresta, as narrativas que emergem se expandem em encadeamentos e constelações conceituais que não devem ser contidas por termos administrativos, religiosos ou jurídicos. Tais conceitos habitam estas paisagens, mas mesmo quando empregados nas falas e discursos nativos, sua existência política é evocar as vozes e imagens da floresta (Albert;Kopenawa, 2023). Deste modo, a tarefa do trabalho etnográfico é deixar entrever as relações através das relações, mapeando os atravessamentos onde um está imbricado no outro, onde ao mesmo tempo que pressupõe a abertura, ele está indicando a contração que resulta em um movimento incessante da instabilidade metafísica dos modos de existência que recusam a se encerrar em si, em uma identidade, mas que se sustentam na potência do desequilíbrio perpetuo (Cariaga, 2019b:131).

As metáforas são veículos pelos quais os artigos reunidos no livro reúnem amplitudes analíticas, pois dimensionam a linguagem e a comunicação que escapam a convencionalidades em torno de formas arbitrárias de identificação. Isto é, a existência de entes como a Caipora e a escrita na pedra são encontros que demandam sentidos de conjunção e disjunção ontológicas, porque não definem um sentido, ao contrário, eles multiplicam. Todavia, a leitura de Mauro Almeida sobre regimes de existência que associam entes, coisas, pessoas, conhecimentos e sentidos não prolifera somente cognitivamente ou como tropos, isto é, como se fossem efeitos de inovação e de criatividade ilimitados. Pois se existem ontologias em conflitos, há guerras:

Trata-se de exemplo de guerra de extermínio ontológico, que ao mesmo tempo nega a existência de um ente – quilombolas -, e, também, nega direitos de coletivos que se autoidentificam como quilombolas a territórios quilombolas que são condição necessária para sua existência (Almeida, 2021: 169).

Ontologias como a da Caipora, perspectivas multinaturalistas, conceitos topológicos são as formas de torção que Almeida opera na constituição de uma virada pragmática para a teoria antropológica, que se deve atentar às estratégias a alianças anticonsumptivas nas cosmopolíticas ameríndias contra o “fazer Estado e Sociedade” (Cariaga, 2019; Kelly, 2016,) diante destes encontros pragmáticos. Os efeitos destes encontros têm produzido assimetrias não somente ontológicas, como se fossem meramente metafísicas, porque a tarefa da Antropologia ao se deparar com ontologias conflitantes é não sucumbir à consumpção física e ontológica neoliberal e agrofinancista que coloca em risco os modos de existências que recusam a finitude das transformações, em prol de um mono-mundo. A virada pragmática apresentada por Almeida pode ser lida como uma chave analítica de escala, para descrever etnograficamente transformações estruturais a partir dos mundos dos quais falar sobre e dos entre/viveres de entes como a

Caipora expressam mais das crises capitalistas que vivemos do que termos financistas anglófonos.

Há em *Caipora e outros conflitos ontológicos* um manifesto teórico e metodológico para uma agenda que nos convida para a constituição de uma Antropologia que some ao desafio cosmopolítica de repovoar mundos na constituição de existências múltiplas, recusando dicotomias como Natureza x Sociedade, intrinsecamente relacionados ao Antropoceno (Latour, 2016). O compromisso e o desafio político da Antropologia para as gerações futuras é mapear ressurgências, mas também aliar corpos e mundos uma busca de insurgências:

insurgir as vontades contra quem considera que tem a dizer e nada a ouvir [...] insurgência designa o movimento de criação contínua das possibilidades da vida, ativação da potência de pensar, agir e sentir; movimento que traça um caminho a despeito e em meio às ações de confiscação de modos de vida (Villela; Vieira, 2020: 22).

Neste aspecto, as produções colaborativas na An(tropo)logia podem ser encaradas como *máquinas de guerra* (Deleuze; Guattari, 2012), nas alianças entre lutas “nativas” e as “não nativas” para que atuem no objetivo em saber quê a *luta pelo reconhecimento é a luta pela existência. É luta ontológica* (Almeida, 2022: 316). Sobre isto, tais contribuições somam-se as formulações de Pierre Clastres que ao ouvir as belas palavras de um xamã guarani nas florestas do Paraguai, contribuiu para o alargamento de teorias sobre política nos aproximando da luta incessante dos Guarani contra a consumpção das diferenças, da redução ao Uno, pois esta recusa é imanente a sua condição de existência metafísica, em termos filosóficos ou fisiológico, pois o *ñe’ẽ*, a “alma-palavra” vinda dos patamares mais elevados de seu cosmo, onde nada perece é o que assegura que sejam múltiplos, deuses e humanos ao mesmo tempo (Cariaga, 2019).

O Antropoceno em termos ameríndios é descrito em muitas histórias de criação e destruição do mundo desde os tempos míticos, como nos ensinaram os Guarani, presentes na obra de Curt Nimuendaju (1987) ou através falas e escritos contemporâneos de Ailton Krenak, Davi Kopenawa, Jerá Guarani, Sônia Guajajara. Contudo, agora vivemos riscos irre recuperáveis pois as *limpezas ontológicas* agem em e a favor da existência do povo que se pensa e se define pela mercadoria (Almeida, 2021: 168-174). Os encontros pragmáticos não podem ser lidos como arenas cosmopolíticas de solução simplória, ao contrário, a guerra ontológica do povo da mercadoria é pela extinção de entes, a favor do mono-mundo *na negação da existência de tais entes. A truculência física tem continuidade na truculência ontológica* (Almeida, 2021: 315).

Diante dos vários fins de mundo, agravados pela pandemia de COVID 19, negacionismo e pela ascensão de extrema-direita aprendi com meus amigos e amigas kaiowá e guarani que manter-se como pessoa nos muitos mundos é saber onde se aterram matas, parentes, corpos e alianças assim como fez Chico Ginu ao repovar a cosmografia da Reserva Extrativista do Alto Juruá (Almeida, 2021). Repovoar os cosmos e seus planos é o que tenho aprendido na tentativa de descrever as “concordâncias pragmáticas kaiowá” a partir de suas teorias sobre a afinidade e a alteridade, deste modo, acredito seguir

proposição de Jaider Esbell sobre como Ailton Krenak reflete sobre alianças afetivas a *capacidade de acolher e estabelecer uma relação presente como coexistência* (Esbell, 2019) e o que irá assegurar que não deixemos pessoas para trás, como Mauro Almeida nos ensina no fim do livro.

Referências Bibliográficas

- ALBERT, Bruce. 1995. “Anthropologie appliquee ou “anthropologie impliquee”? Ethnographie, minorites et developpment”. In *Les aplicacion de l’anthropologie: un essai du reflexion colletive depuis de la France* organizado por Jean Francois Bare, 87-118. Paris: Editions Khartala.
- ALBERT, Bruce. 2014. “Situação Etnográfica’ e movimentos sociais. Notas sobre o trabalho de campo pós-malinowkiano”. *Campos – Revista de Antropologia UFPR*, 15, no.1:129-144. <http://dx.doi.org/10.5380/campos.v15i1.42993>.
- ALBERT, Bruce; KOPENAWA, David. 2023. *O espírito da floresta*. São Paulo: Cia das Letras.
- ALMEIDA, Mauro B. W. 2021. *Caipora e outros conflitos ontológicos*. São Paulo: Ubu Editora.
- CARIAGA, Diógenes E. 2019. *Relações e diferenças: a ação política kaiowá e suas partes*. Tese (Doutorado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- CARIAGA, Diógenes E. 2019. “Em nossas próprias armadilhas: ‘artefatos’ antropológicos em contexto”. *EntreRios*, 2, no. 1:10-23. <https://doi.org/10.26694/er.v2i1.9275>
- CLASTRES, Pierre. 2003. *A sociedade contra o Estado*. São Paulo: Cosac & Naify.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela; ALMEIDA, Mauro W. B. 2002. *Enciclopédia da Floresta. O Alto Juruá: praticas e conhecimentos das populações*. São Paulo: Cia das Letras.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. 2012. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 5. São Paulo: Editora 34.
- ESBELL, Jaider. 2019. *Redes de Alianças Afetivas*. Acessado em 21 jul. 2023: <http://www.jaideresbell.com.br/site/2019/02/23/redes-de-aliancas-afetivas/>
- KELLY, Jose. 2016. *Sobre a antimestiçagem*. Florianópolis: Cultura e Barbárie.
- LATOUR, Bruno. 2016. “Del Realpolitik al Dingpolitik – o de como hacer las cosas publicas”. *Acta Sociologica*, no. 71:13-50. <https://doi.org/10.1016/j.acso.2017.06.005>
- LATOUR, Bruno. 2009. *Jamais fomos modernos. Ensaio em Antropologia Simétrica*. São Paulo: Editora 34.
- LEVI-STRAUSS, Claude. 2017. *Antropologia Estrutural. Vol. I*. São Paulo: Ubu Editora.
- NIMUENDAJU, Curt U. 1987. *As lendas de criação e destruição de mundo como fundamentos da religião guarani*. São Paulo: Editora HUCITEC.
- SZTUTMAN, Renato. 2013. A potência da recusa – algumas lições ameríndias. *Sala Preta*, 13, no. 1:163-182. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v13i1p163-182>
- VILLELA, Jorge M.; VIEIRA, Suzane A. 2020. “Introdução”. In *Insurgências, ecologias dissidentes e antropologia modal* organizado por Jorge M. VILLELA e Suzane A. VIEIRA, 11–33, Goiânia: Editora da Imprensa Universitária.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2019. A antropologia perspectivista e o método da equivocação controlada. *Aceno-Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 5, no. 10: 247-264. <https://doi.org/10.48074/aceno.v5i10.8341>

WAGNER, Roy. 2009. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac & Naify.

sobre o resenhista

Diógenes Egídio Cariaga

Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em História pela Universidade Federal da Grande Dourados. Professor da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. Docente externo junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Grande Dourados. Pesquisador vinculado CEPEX- Redes de Saberes Indígenas e ao Grupo de Estudos em Antropologia: Modos de existências e suas variações (UEMS), Núcleo Caroá (UFG) e ao ARANDU/UFSC.

Autoria: O autor é responsável pela coleta de dados, sistematização e síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto, bem como por sua escrita.

Financiamento: Edital UEMS Nº 004/2018/PROPP/UEMS.

Recebido em 06/08/2023.

Aprovado para publicação em 19/03/2024.